

## SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL - STBISUL

### RELATIVISMO NA SOCIEDADE ATUAL: Expressões, consequências e alternativa para a Igreja Cristã

<sup>1</sup> Fronza, Elias Augusto

<sup>2</sup> Nunes, Luciano Silva

#### RESUMO

A igreja cristã, no decorrer da história, esteve frente a diversas correntes de pensamento diferentes que predominaram na sociedade. Em alguns casos, tais correntes apresentaram conflitos com as ideias cristãs e foi necessário apresentar defesa e respostas aos questionamentos levantados. Atualmente, o século XXI é marcado, em sua esfera social, pela presença de inúmeras vozes que ganharam espaço em cena com o advento da globalização e da tecnologia. Para lidar com isso, o pós-modernismo buscou dar valor igual a cada uma dessas vozes através do relativismo, nivelando todas leituras de realidade como igualmente válidas. Todavia, ao propor a relatividade da verdade, a sociedade encontra-se em meio a dilemas existenciais como a legitimação de desonestidades e a incapacidade de sustentar qual padrão de moral deve ser aceito e reproduzido. Além das complicações de cunho social, a fé cristã conta com uma mensagem absolutista e se vê diante de um desafio para defender sua fé perante a relatividade da verdade. Contudo, há uma alternativa que se revela plausível para a Igreja e a sociedade defronte a esse ideal da pós-modernidade, o entendimento de mundo a partir da teoria da correspondência da verdade.

Palavras-chave: Relativismo; Verdade; Cristianismo; Teoria da Correspondência da Verdade.

#### ABSTRACT

The Christian church, throughout history, has been faced with different currents of thought that have predominated in society. In some cases, such currents presented conflicts with Christian ideas and it was necessary to present a defense and answers to the questions raised. Currently, the 21st century is marked, in its social sphere, by the presence of numerous voices that have gained space on the scene with the advent of globalization and technology. To deal with this, postmodernism sought to

---

<sup>1</sup> Fronza, Elias Augusto, Discente no Curso Livre de Teologia – Seminário Teológico Batista Independente do Sul (STBISUL) - Esteio/RS. fronza.elias@gmail.com

<sup>2</sup> Nunes, Luciano Silva, Orientador - Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior – Faculdade do Paraná (FAP) . prlucianonunes@gmail.com

give equal value to each of these voices through relativism, leveling all readings of reality as equally valid. However, when proposing the relativity of truth, society finds itself in the midst of existential dilemmas such as the legitimization of dishonesty and the inability to sustain which moral standard should be accepted and reproduced. In addition to the social complications, the Christian faith has an absolutist message and is faced with a challenge to defend its faith in the face of the relativity of truth. However, there is an alternative that proves plausible for the church and society in front of this ideal of postmodernity, the understating of the world from the correspondence theory of truth.

Keywords: Relativism; Truth; Christianity; Correspondence Theory of Truth.

## **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Cada época carrega um conjunto de características específicas, essas influenciam diretamente na maneira de pensar e viver das pessoas. Isso afeta tanto a sociedade em um âmbito global, como a maneira com que a Igreja se posiciona diante dela e responde a essas características. O século XXI conta com a proposta pós-moderna de relativizar a verdade, nivelando todas leituras da realidade como igualmente válidas e ofertando-as indistintamente aos corações. Esse ideal, enquanto fundamento para a realidade, gera uma gama de consequências para a estrutura social atual e para cada um que está inserido nela.

Ao enfrentar mudanças tão centrais na existência humana, como o conceito de verdade, cabe à cristandade identificar as implicações dessas mudanças e estar preparada para responder adequadamente às particularidades desse tempo. O presente artigo tem por objetivo alertar à Igreja a respeito dessa questão, bem como propor uma alternativa plausível filosoficamente para que o cristão tenha condições de defender sua fé e dialogar com o pensamento de hoje.

Para esse artigo, a metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica.

## **2 A IGREJA E O PENSAMENTO VIGENTE**

Durante o desenrolar da história do cristianismo, o mundo atravessou muitas épocas diferentes, cada qual um reflexo de diversos fatores como política, cultura e influências filosóficas. Ao passo que configurou-se cada período, novas formas de entender o mundo substituíram as que previamente se sustentavam, e com isso, novas perguntas foram direcionadas à fé cristã, exigindo da Igreja um constante

renovo nas respostas a respeito de suas convicções, de modo que a verdade bíblica pudesse alcançar e dialogar com as correntes de pensamento que se levantaram e regeram cada um desses períodos.

De acordo com Craig (2010, p.15), “Uma pessoa criada num ambiente cultural em que o cristianismo é ainda visto como uma opção intelectual viável terá uma abertura [...] que não encontraremos [...] em um ambiente secularizado.”. Ou seja, uma ideia nunca é recebida em isolamento. O entendimento de mundo de uma cultura determina o pano de fundo em que compartilham-se conceitos e diálogos.

Nesse processo, é importante portanto que a Igreja busque identificar o contexto em que ela está inserida, para que possa ser relevante nas questões do seu tempo, de modo que haja uma resposta adequada para cada situação que possa impedir o conhecimento de Cristo. Assim sendo, ao passo que esse diálogo se desenvolve, consegue-se promover sustentação à ideia de que a fé cristã é uma opção viável para as pessoas na cultura vigente.

Contudo, é primordial ressaltar que alguns cuidados são necessários para que o evangelho possa dialogar com os costumes, crenças e comportamentos da civilização sem que haja um distanciamento da fé pura e genuína.

## **2.1 Dialogando sem negociar princípios**

Ao enfrentar um novo cenário de evangelização e relações com a sociedade, a Igreja se vê diante da missão de responder a novos aspectos da civilização. Porém, nesse decurso, é elementar discernir as questões conflitantes entre o pensamento difundido no mundo e os princípios de Cristo. Dessa forma, ao atualizar-se o diálogo com a cultura vigente, deve-se atualizar somente o modo como se transmite a mensagem, não a mensagem em si. Em outras palavras, os princípios e a natureza cristã devem permanecer essencialmente os mesmos, sem qualquer negociação em seus fundamentos doutrinários e de fé. Do contrário, o risco que corre-se é de que, importando essas ideias, desvirtue-se o próprio conceito de cristianismo, afastando-se de seu significado mais puro. Uma narrativa que ilustra o caso de que se fala pode ser encontrada no seguinte trecho:

Um dos problemas das estratégias apologéticas racionalistas é que elas tendem a minimizar o elemento de mistério da fé cristã, de modo que o cristianismo pareça mais acessível à razão. [...] O perigo desse tipo de

apologética sensível ao racionalismo é que acaba importando o racionalismo para o cristianismo em vez de exportar o evangelho para a cultura racionalista.(MCGRATH, 2011, p.27)

Apologética é o ato de apresentar uma defesa, num sentido jurídico, de algum conceito ou ideia. McGrath relata que, diante do racionalismo, alguns apologetas da fé, na ânsia por apresentar defesas que respondam a sua época, utilizaram de estratégias que abraçaram tais ideias racionalistas. Todavia, como exposto, ao procederem assim acabaram condicionando a fé cristã à compreensão de mundo vigente. Com isso, os apologetas perderam de elementos significativos do cristianismo, como o componente de mistério da fé.

Para o relativismo, o objeto de conflito com o cristianismo é a verdade. A mensagem e crença cristã exige primordialmente um conceito de verdade absolutista para se sustentar. Essa informação é apresentada por Geisler e Feinberg:

A natureza da verdade é crucial para a fé cristã. O Cristianismo não somente alega deter a verdade absoluta (que é real para todas as pessoas, em todos os lugares, e em todas as épocas), como também insiste em que esta verdade corresponde mesmo à maneira como as coisas são de fato. Por exemplo, a afirmação “Deus existe” significa que existe verdadeiramente um Deus que transcende o nosso universo, um Ser extracósmico. Da mesma forma, a afirmação de que “Deus ressuscitou Cristo dentre os mortos” significa que o cadáver de Jesus de Nazaré voltou mesmo à vida e saiu mesmo do túmulo, de maneira sobrenatural - depois do seu sepultamento.(GEISLER e FEINBERG, 2010, p.101)

Ao realizar afirmações a respeito da existência de Deus, da realidade humana e do mundo espiritual, a cristandade propõe que efetivamente essas questões são reais. É possível perceber nas Escrituras, por exemplo, o próprio apóstolo Paulo afirmando que, caso as declarações cristãs não sejam verdadeiras de fato, a fé praticada pelos crentes, bem como a proclamação da mensagem bíblica se revela inútil:

Ora, se está sendo pregado que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como alguns de vocês estão dizendo que não existe ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. Mais que isso, seremos considerados falsas testemunhas de Deus, pois contra ele testemunhamos que ressuscitou a Cristo dentre os mortos. Mas se de fato os mortos não ressuscitam, ele também não ressuscitou a Cristo.(1Co. 15:12-15, BÍBLIA, 2000)

O apóstolo levanta uma defesa a respeito dos acontecimentos na vida de Cristo e de sua mensagem, explicando que a legitimidade da sua proclamação se dá à medida que essa é objetivamente verdade. Não faria sentido crerem nessas declarações se as mesmas não fossem legítimas e, por consequência, também não faria sentido as proclamarem.

Contextualizando ao pós-modernismo, pode-se dizer que se a realidade da ressurreição de Jesus fosse “verdade” somente para algumas pessoas e para outras não, na realidade a condição espiritual humana, bem como a justiça divina e o destino eterno das almas são meramente fantasia pessoal de cada um, pois o que legitimaria essas crenças não seria que elas são verdade absoluta, mas seriam as próprias escolhas do indivíduo no que crer e no que não crer.

Quanto à narrativa bíblica, ainda é possível destacar alguns pontos em que a influência do conceito de verdade relativista se revelaria perigosa. As Escrituras (Jo. 8:44, BÍBLIA, 2000) afirmam, por exemplo, que “[...] o Diabo [...] foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira.”. Aceitando os pressupostos pós-modernos, nesse caso, implicaria ao cristão rejeitar o conceito do Diabo como mentiroso, pois ele poderia “ter sua própria verdade”. Por conseguinte, episódios como a tentação no Jardim do Éden precisariam ser ressignificados, visto que não necessariamente Satanás teria mentido ao tentar Adão e Eva.

Por fim, o próprio Jesus precisaria ser ressignificado também, pois a Bíblia (Jo. 14:6, BÍBLIA, 2000) refere-se a Ele como sendo o caminho, a verdade e a vida.

Sendo assim, a Igreja deve refletir cuidadosamente a respeito de como responder às questões do tempo presente para evitar que situações semelhantes às descritas por McGrath, no exemplo das estratégias apologéticas racionalistas, aconteçam. Ou seja, ao invés de ressignificar a fé cristã para que essa abrace o relativismo, é dever do cristão defender a sua fé sem negociar a essência dela nesse processo.

Para tanto, compreender o relativismo se torna uma tarefa ao cristão, visto que é necessário identificar os pontos conflitantes da fé com esse pensamento, que é uma das marcas centrais da pós-modernidade e se apresenta como uma realidade perceptível a permear os pensamentos e ações hoje. Assim sendo, entender a definição do mesmo, juntamente de suas implicações e consequências é um passo essencial para que haja uma postura mais efetiva, segura e convincente da

cristandade para com a mentalidade corrente, defendendo Cristo nas áreas em que Ele está sendo atacado e apresentando respostas saudáveis e razoáveis aos problemas e questionamentos da hodiernidade.

### **3 EXPRESSÕES DO RELATIVISMO NA SOCIEDADE ATUAL**

Definir a sociedade atual e as características que configuram o seu cenário é uma tarefa árdua inclusive para aqueles que nela se encontram inseridos. A globalização e o avanço da tecnologia proporcionaram espaço para uma infinidade de grupos distintos levantarem sua voz e apresentarem o contexto em que vivem e suas perspectivas. Até mesmo conceitos essenciais como a religiosidade, a família e a própria vida são entendidos de maneiras distintas e isso pode ser observado através de um breve discurso:

As pessoas precisam pensar duas vezes antes de decidir o que é mais importante: salvar fetos abortados ou peixes do Tennessee. Não conseguimos chegar a um acordo sobre a composição sexual de uma família próspera. A espiritualidade está na moda, mas ninguém sabe que modelo adotar. (MORELAND, 2011, p.16)

Ao passo que o avanço da ciência e da sociedade em direção ao mundo global oportunizou um canal para que as diferentes falas tivessem um meio de ser reproduzidas, a pós-modernidade ofereceu o relativismo ao mundo, na ânsia de igualar todas essas vozes, agora audíveis.

Segundo Moreland (2011, p.104), “Na visão pós-moderna, não existe realidade, verdade, valor, razão, e assim por diante. Tudo isso são construções sociais, criações linguísticas, [...] grupos sociais que compartilham uma narrativa.”. Em vista disso, segue-se que o relativismo proposto e vivido pela pós-modernidade considera que não existe verdade absoluta, a verdade é condicional a cada indivíduo ou comunidade.

Dessa maneira, pode-se dizer que diante do desafio de considerar todas as novas narrativas que estão sobre a mesa, o relativismo tenta solucionar o conflito dessas narrativas através de uma reinterpretação do que conta como conhecimento, ou como verdade. A proposta diante de duas afirmações diferentes não é mais buscar descobrir qual delas é verdadeira, ou sequer afirmar que uma afirmação pode ser mais verdadeira que a outra, mas sim reduzir a “verdade” à interpretação.

Em suma, para o relativismo, verdade por si só não existe mais, só pontos de vista. Isso fica ainda mais explícito com as palavras de Grenz:

A cosmovisão pós-moderna opera com um entendimento da verdade embasado na comunidade. Assim, o que quer que aceitemos como verdade, e até mesmo o modo como a vemos, depende da comunidade da qual participamos. Além disso, e de modo ainda mais radical, a cosmovisão pós-moderna afirma que essa relatividade se estende para além de nossas percepções da verdade e atinge sua essência: não existe verdade absoluta; pelo contrário, a verdade é relativa à comunidade da qual participamos. (GRENZ, 2008, p.21)

### 3.1 Casos notáveis

Com a chegada dessa visão relativista, começa-se a observar na sociedade atual a eclosão de expressões que denotam uma clara influência dessa proposta pós-moderna. Um exemplo perceptível é a mudança no entendimento de tolerância. Geisler e Turek apontam essa alteração:

Em nossa cultura atual, a tolerância não significa mais suportar alguma coisa que você acha que é falsa (além do mais, você não tolera coisas com as quais concorda). Hoje em dia, tolerância significa aceitar que toda a crença é verdadeira! (GEISLER e TUREK, 2006, p.47)

O conceito tradicional de tolerância baseia-se em dois pilares: a discordância da ideia que se tolera e a postura de tratar com respeito e civilidade as pessoas das quais discordamos. Todavia, ao passo de que nada mais é verdade objetiva, o ato de discordar também muda de conceito pois não mais é possível considerar uma ideia falsa. Abre-se espaço, então, para o despontar da “nova tolerância”, em que tolerar implica em concordar.

À medida que a “mesa de muitas vozes” segue em discussão e a nova tolerância entra em cena, progride-se para um segundo exemplo de postura relativista na sociedade atual, o politicamente correto.

A humanidade hodierna proporciona que toda voz venha a público, mas não sem limitações. Uma das exigências apresentadas para um discurso é que toda declaração seja realizada de forma pluralista, ou seja, sem depreciar as outras. Dessa maneira, para a pós-modernidade, ideias contraditórias podem coexistir e as dificuldades geradas por isso, por mais evidentes que sejam, não são consideradas relevantes. Esse cenário é possível porque a postura do homem diante da realidade

mudou, conforme Grenz afirma ao descrever as ideias do filósofo americano Richard Rorty:

Segundo Rorty, a verdade não é estabelecida quer pela correspondência de uma afirmação com a realidade objetiva quer pela coerência interna das afirmações em si mesmas. Rorty argumenta que deveríamos simplesmente abandonar a busca pela verdade e nos contentarmos com a interpretação. [...] “objetivo é dar prosseguimento ao diálogo e não à descoberta da verdade”.(GRENZ, 2008, p.19)

Ao declarar essa troca de objetivos, a visão pós-moderna então finaliza o “prato” que tem a oferecer: uma sociedade rica em discussões, mas pobre em consensos, na qual a verdade e o interesse pela verdade esvaziaram-se de valor.

#### **4 DESORDEM EXISTENCIAL RESULTANTE DO RELATIVISMO**

Com o progresso da incorporação desse novo significado de verdade, a sociedade e o indivíduo contemporâneo acabaram por deparar-se com implicações problemáticas diante de situações do cotidiano. Um exemplo claro e atual pode ser garimpado do seguinte apontamento de Murray:

A eleição presidencial americana foi marcada por tantas reivindicações competitivas e falsas, alegações de fraude e inverdades comprovadas que era difícil saber em quem acreditar. Vozes de todo o espectro político foram rápidas em condenar o outro lado com poucos ou nenhum fato e em defender seu representante independentemente dos fatos.(MURRAY, 2018, p.23, nossa tradução)

Ao passo que Murray narra tal situação a respeito das eleições americanas de 2016, é possível perceber no cenário das eleições presidenciais brasileiras de 2018 um episódio semelhante. O fato comum nas duas situações é que o pleito configurou-se em uma polarização política e foi possível notar a reprodução de informações sem o interesse de que aquilo corresponda com a verdade, mas sim que privilegiasse o candidato apoiado ou prejudicasse a oposição. Em outros termos, notou-se nas duas eleições o despontar daquilo que ficou popularmente conhecido por fake news.

Como um fenômeno resultante do desinteresse pela verdade, as fake news surgiram como um acontecimento em tamanha escala que entidades realizaram esforços em resposta ao acontecido, na tentativa de conter essa corrente. Vê-se, por

exemplo, a valorização das agências de fact-checking - checagem de fatos - bem como iniciativas das grandes redes sociais em deixar clara se uma postagem que circula está contendo informações imprecisas.

A questão afunila-se, entretanto, no seguinte cenário: ao deparar-se com uma fake news numa ocasião eleitoral, é natural que espera-se o direito de contestar essa informação, de alegar que caso alguém a tenha reproduzido intencionalmente, a pessoa ou agente cometeu desonestidade, visto que promoveu informações que não condiziam com a realidade. Todavia, dado que decidiu-se por remover a importância de a verdade condizer com a realidade, o mundo pós-moderno se vê sem base para contestar a desonestidade. Ou seja, se a verdade é relativa e subordinada a cada indivíduo ou comunidade, ao exigir que alguém seja honesto perante uma verdade e esse alguém alegar que sua verdade é diferente, de que maneira o mesmo poderá ser contestado?

Dentro do espectro das eleições presidenciais, o apontamento de Higgins (2016, nossa tradução) capta bem o sentido desse contratempo quando afirma que “ ‘Não me incomode com fatos’ não é mais uma piada. Tornou-se uma postura política.”. Todavia, o problema da desonestidade não se limita somente à esfera de pleito, ele se estende às muitas áreas da vida humana. À exemplo disso, um indivíduo normalmente ao sentir-se doente e consultar um médico, espera dele honestidade para que o mesmo dê a prescrição de um tratamento que realmente solucione sua enfermidade. Semelhante situação ocorre àquele que, com dificuldades financeiras, busca o auxílio de um contador para que o aponte o que pode ser feito de modo a organizar a economia pessoal.

Em suma, a falta de sustentação para avaliar a honestidade de alguém em determinada situação se configura num problema para as pessoas frente ao relativismo atual.

#### **4.1 Moral e justiça sem um ponto de referência**

Ao analisar o desenrolar da história da humanidade, pode-se perceber muitas sociedades diferentes coexistindo e, inclusive, mudanças nas suas constituições com o passar do tempo: vestimentas, costumes e tradições fazem parte das diferenças mais identificáveis. Contudo, essas se fazem presentes também quanto ao código moral expressado por cada comunidade. Lewis aponta a presença dessas

distinções morais e ainda vai além quando propõe a ideia de que compará-las pode revelar a busca pelo que entende-se por progresso moral:

[...] quando você considera as diferenças morais entre um povo e outro, não pensa que a moral de um dos dois é sempre melhor ou pior que a do outro? Será que as mudanças que se constatam entre elas não foram mudanças para melhor? Caso a resposta seja negativa, então está claro que nunca houve um progresso moral.(LEWIS, 2009, p.18)

Conforme apontado, para haver progresso moral, é preciso que as transformações sofridas pela sociedade possam ser apontadas como melhorias. Mas, para isso, é necessário um ponto de referência.

Um ponto de referência pode ser definido como uma indicação dentro de um cenário por meio da qual as pessoas podem obter orientação e situar-se. A importância dele normalmente só é reparada quando as pessoas estão perdidas, então invoca-se o fator em questão para localizar-se. Esse conceito está presente além da orientação a respeito de rotas e pode-se percebê-lo em avaliações onde é medida a distância de dois objetos em comparação ao alvo. Como por exemplo, em um jogo de dardos, onde a pontuação é determinada conforme a proximidade do acerto em relação ao círculo menor e central, ou seja, o ponto de referência.

Ao tratar da questão da moralidade, Lewis também apresenta a questão a partir do ponto de referência, sendo esse um padrão externo, acima de todos, também por ele chamado de Moral Verdadeira, como exposto a seguir:

No momento em que você diz que um conjunto de idéias morais é superior a outro, está, na verdade, medindo-os ambos segundo um padrão e afirmando que um deles é mais conforme a esse padrão que o outro. O padrão que os mede, no entanto, difere de ambos. Você está, na realidade, comparando as duas coisas com uma Moral Verdadeira e admitindo que existe algo que se pode chamar de O Certo, independente do que as pessoas pensam [...](LEWIS, 2009, p.18-19)

Dessa forma, segue-se que para poder afirmar que uma moral é melhor do que a outra, é necessário admitir que existe esse padrão independente e objetivo, um ponto de referência universal e fixo para o qual é possível direcionar a atenção e invocá-lo como modelo a ser espelhado.

A situação porém tem implicações sérias ao homem pós-moderno, porque ao afirmar que toda verdade é relativa, não é possível conceber essa ideia de ponto de referência fixo e universal, não há um certo e errado que possa ser comum a todos.

Em síntese, ao remover a objetividade da verdade, remove-se o círculo central do tabuleiro de pontuação dos dardos e não há base para sustentar que uma moral está mais próxima do certo do que outra.

Lewis apresenta a problemática gerada a partir dessa ausência de base ao julgar códigos morais:

Se um conjunto de idéias morais não fosse melhor do que outro, não haveria sentido em preferir a moral civilizada à moral bárbara, ou a moral cristã à moral nazista. É ponto pacífico que a moralidade de alguns povos é melhor que a de outros.(LEWIS, 2009, p.18-19)

Haver ponto pacífico quanto a absurdos morais pode ser um fato, mas não há mais nada no pós-modernismo para sustentação que eles são realmente absurdos morais. Isto é, se a verdade é convenção social, não há como dizer que a moral nazista está errada, porque é a verdade deles. Seguiria-se, portanto, que o genocídio de judeus promovido pelo holocausto acaba sendo tão verdadeiramente moral quanto o consenso atual de que todos tem valor e direito à vida iguais.

Agora, o mesmo problema estende-se ao campo da justiça. A execução da justiça na sociedade baseia-se no conjunto de regras comuns àquela sociedade, chamada legislação. Essa porém, é construída sobre o alicerce da moral. Ou melhor dizendo, enquanto a moral se utiliza de um ponto de referência fixo, ela também o é para a justiça numa sociedade.

Sem uma bússola moral absoluta a que se possa recorrer na hora de trilhar o caminho para a criação de uma lei, para que direção olhar nessa situação a fim de orientar-se? Uma alternativa poderia ser a de criar leis que maximizem a maior quantidade de bem para o maior número de pessoas, ou seja, a promoção de uma “justiça” que tem por fundamento uma espécie de utilitarismo.

Todavia, Moreland consegue demonstrar um cenário ilustrativo com consequências perigosas de uma abordagem utilitarista:

Justificativas utilitárias, [...] se aceitas, elas legitimam maldades morais terríveis. Assim, suponha que um estuprador em série esteja ativo em uma cidade grande e, por conseguinte, muitas pessoas estejam preocupadas e ansiosas sem necessidade, já que a probabilidade de serem vítimas é pequena. Em consequência dessa preocupação, grande número de mulheres limita suas atividades e prefere ficar presa em casa. Além disso, alguns casos de divórcios ocorrem em razão da tensão crescente em toda a cidade. Sob tais condições, seria fácil maximizar a utilidade se a polícia pegasse e punisse um sem-teto inocente, mantivesse isso em segredo e continuasse a procurar o verdadeiro criminoso. Durante algum tempo, o

gesto desencorajaria outros crimes, ao transmitir a ideia de competência da polícia. Poderia impedir a ação até mesmo do próprio estuprador e acalmar inúmeras pessoas preocupadas sem necessidade. Também evitaria outras consequências nocivas, como lares desfeitos. Lembre-se, a polícia manteria tudo em segredo enquanto continuaria a procurar o verdadeiro estuprador; se pego, eles o enquadrariam em outro crime. Ninguém saberia a diferença. Punir um homem inocente poderia maximizar o bem comum[...] (MORELAND, 2011, p.65-66)

A história que se desenrola apresenta a execução da justiça que emprega como ponto de referência o utilitarismo. Percebe-se o problema dessa abordagem à medida que ela se molda sob uma espécie de visão em que os fins justificam os meios. Ou seja, se o resultado final for positivo, o utilitarismo acaba legitimando barbáries como a condenação de inocentes. Por fim, visto que o conceito de justiça pode ser entendido por dar a alguém aquilo que lhe é devido, o desfecho desse processo é uma justiça que, na busca por fazer o “bem maior”, não é mais justa. Em suma, a justiça perde-se de sua essência e destrui-se-ia o propósito pelo qual ela veio a existir.

#### **4.2 Virtudes empobrecidas e vazio existencial**

Sem uma verdade transcendente para a qual apontar na busca por respostas, o pós-modernismo se encontra perdido no que diz respeito a efetuar juízo de valor sobre as virtudes que permeiam a realidade humana. É insustentável, por exemplo, afirmar que uma ação é mais digna de ser realizada do que outra. Assim, uma vida virtuosa passa a ser também uma questão de perspectiva e a consequência disso é que não há motivos para se viver por uma causa superior, como bem aponta Moreland (2011, p.35), “nada é importante o suficiente para se elevar acima do nível da preferência individual.”

Em outras palavras, para o pós-modernismo, quando alguém dedica-se a viver por uma causa nobre como cuidar de pobres e necessitados, não fez nada além do que atender suas preferências pessoais em fazê-lo. Portanto, não haveria motivo de honra ou reconhecimento maior para essa pessoa por suas ações do que é devido a qualquer outro tipo de ação, por mais insignificante que ela seja. Moreland (2011, p.37) mais uma vez expressa as implicações dessa realidade com ardileza através do seguinte exemplo: “[...] inexistente diferença objetiva entre Madre

Teresa e alguém que dedica a vida a ser o melhor prostituto masculino que conseguir.". Em suma, desde que a pessoa possa "ser ela mesma", é válido.

Assim como não há nada que conceda valor transcendente às virtudes e à dignidade das ações humanas, o mesmo acontece com o próprio significado da vida. As respostas pós-modernas aos questionamentos existenciais humanos são psicologicamente vazias e denotam insuficiência para suprir o anseio por um sentido maior:

Anos atrás, o jornal The Rocky Mountain News publicou um artigo que trazia várias respostas notórias à questão "Qual o significado da vida?" Aqui estão algumas respostas dadas: "A vida é uma lenta caminhada por um longo corredor que fica mais escuro à medida que você se aproxima do fim." "Se existe significado na vida, talvez o propósito seja encontrá-lo." "Bem, meu Deus! 'Qual o significado da vida?', você pergunta. Qual o 'significado' de sua pergunta? E à vida de quem você se refere? De um verme? Sua? De qualquer forma, aproveite a vida." (MORELAND, 2011, p.63)

De forma superficial, as tentativas de respostas nada respondem, apenas abraçam o vazio existencial diante do qual se deparam. Contudo, a ânsia humana por significado é justamente a busca por uma resposta que preencha esse vazio, não que o abrace. Isto é, algo superior às preferências subjetivas. Dessa forma, a pós-modernidade acaba tendo a seguinte postura:

Em uma espécie de ingenuidade macabra, removemos o órgão e demandamos sua função. Criamos os homens sem peito e esperamos deles a virtude e a iniciativa. Zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. (LEWIS, 2017, p.30)

## **5 ALTERNATIVA FILOSOFICAMENTE PLAUSÍVEL À CONCEPÇÃO DE VERDADE RELATIVISTA**

Em filosofia, há um princípio pertencente à área da lógica clássica que é conhecido por "lei da não contradição". Essa lei define que duas afirmações que se contradizem não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e no mesmo sentido, ou seja, algo não pode ser verdadeiro e falso simultaneamente. Pode-se perceber essa lei em funcionamento nas seguintes declarações:

- O desenho sobre este papel é uma linha reta.
- O desenho sobre este papel não é uma linha reta.

Ao observar o exposto acima, nota-se que é impossível que as duas declarações estejam corretas ao mesmo tempo, porque se uma for verdade, automaticamente exclui a outra.

Esse mesmo princípio aplica-se ao realizar-se uma afirmação que propõe um padrão, de forma que a mesma não pode contradizer aquilo que propõe, senão ela seria verdadeira e falsa ao mesmo tempo, ou seja, acabaria quebrando a lei da não contradição. Em outras palavras, uma declaração ao negar o próprio padrão que intenta, revela que tal padrão não pode ser verdadeiro, visto que essa afirmação se auto-destrói. A esse tipo de declarações, dá-se o nome de afirmações falsas em si mesmas. Essa realidade é exposta e exemplificada por Geisler e Turek:

Uma afirmação falsa em si mesma é aquela que não satisfaz o seu próprio padrão. [...] É como se um estrangeiro dissesse: “Eu não consigo falar uma palavra sequer em português”. Se alguém dissesse isso, você obviamente responderia: “Espere um minuto! Sua afirmação é falsa porque você acabou de falar em português!”. (GEISLER e TUREK, 2006, p.39)

Como percebe-se no exemplo do estrangeiro a falar português, a contradição das afirmações falsas em si mesmas torna-se evidente instantaneamente à medida que aplica-se o padrão proposto por ela a si própria.

Desse modo, pode-se aplicar o referido teste às afirmações relativistas. Ao fazê-lo, observa-se então que essas mesmas dificuldades em se sustentar estão presentes. Segue-se ilustrada essa situação brevemente nos seguintes raciocínios: A teoria pós-moderna propõe que toda verdade é relativa, mas essa proposta é relativa ou absoluta? Da mesma forma, ela propõe que não existe verdade absoluta. Todavia, é absoluto que não existe verdade absoluta? Essa contradição é relatada por Murray:

“O que é verdade para você pode não ser verdade para mim”, ouviríamos. Ou alguém pode dizer: “Não existe verdade objetiva”. Ambas as declarações são falsas em si mesmas e não se sustentam. Qualquer negação da verdade objetiva deve ser objetivamente verdadeira se quiser ser significativa. (MURRAY, 2018, p.14, nossa tradução)

O problema encontrado é que o relativismo tenta eliminar a existência de verdades absolutas, ao mesmo tempo em que se apresenta como tal. Em outras palavras, a incompatibilidade resume-se no seguinte silogismo: visto que verdades

objetivas não existem e o relativismo é uma verdade objetiva, logo, o relativismo não existe.

### 5.1 Teoria da correspondência

Ao aplicar-se sobre suas declarações o padrão que o relativismo propõe, nota-se que o mesmo não se sustenta filosoficamente. Todavia, essa não é a única proposta de entendimento a respeito da verdade, há outra alternativa que é viável, conhecida como teoria da correspondência.

Embora essa expressão tenha ganhado popularidade, segundo Geisler(1996) e Feinberg (1996), através dos escritos de Bertrand Russell - um dos grandes filósofos do século XX -, a história da teoria pode ser desenrolada até tempos mais antigos, sendo possível encontrar expressões da mesma em Aristóteles, como segue-se:

Aristóteles dá uma definição da verdade que, ao ser examinada, é clara e simples: “Dizer daquilo que é, que ele não é, ou daquilo que não é, que é, é falso; ao passo que dizer daquilo que é, que ele é, e daquilo que não é, que ele não é, é a verdade.” [...] Aristóteles fala dos fatos como um tipo de causalidade. Os fatos *causam* a veracidade da declaração ao asseverar aquele fato.(GEISLER e FEINBERG, 1996, p.194)

Para Aristóteles, a verdade existe em uma relação de “causa” com os fatos, onde são estes que validam a veracidade de uma definição. Assim como para Aristóteles, a teoria da correspondência define que um pensamento ou uma frase só são verdadeiros à medida que estes correspondem com fatos ou o estado real das coisas no mundo. Essa definição básica pode ser encontrada expressa por Moreland (2011, p.107) quando expõe que “[...] sobre a teoria da correspondência da verdade. Em sua forma mais simples, alega que uma proposição é verdadeira na extensão em que corresponder à realidade, ou seja: o que ela afirma ser, de fato é.”.

Em síntese, para a teoria da correspondência da verdade há um ponto de referência universal e externo sob o qual nivela-se a verdade: o mundo real. Portanto, à medida que mais se conhece o mundo real, mais aproxima-se da verdade como objetiva, visto que mais aproxima-se do estado real das coisas.

## 5.2 Características da teoria da correspondência e diferenças para com o relativismo

Nesse processo de conhecimento da verdade como correspondente ao real, algumas diferenças para com o relativismo podem ser notadas. Inicialmente, percebe-se a questão sobre a origem da verdade, Geisler (2006, p. 38) e Turek (2006, p.38) apontam o seguinte: “A verdade é descoberta, e não inventada. Ela existe independentemente do conhecimento que uma pessoa tenha dela (a lei da gravidade existia antes de Newton)”. Isto é, diferente da perspectiva relativa de que a verdade é uma construção social, a verdade não é criada pelo indivíduo ou comunidade, mas descoberta a partir do mundo real.

Posterior a isso, uma segunda diferença que pode ser observada é quanto à constância da verdade. Outra vez, Geisler e Turek apresentam a questão:

A verdade é imutável, embora as nossas crenças sobre a verdade possam mudar (quando começamos a acreditar que a Terra era redonda, em vez de plana, a *verdade* sobre a Terra não mudou; o que mudou foi nossa *crença* sobre a forma da Terra). As crenças não podem mudar um fato, não importa com que seriedade elas sejam esposadas (alguém pode sinceramente acreditar que o mundo é plano, mas isso faz apenas a pessoa estar sinceramente errada). (GEISLER e TUREK, 2006, p.38)

Dessa forma, ao passo que as crenças humanas vão mudando, não significa que a verdade sobre algo mudou, ela permaneceu a mesma, apesar de desconhecida inicialmente. Nesse caso, a sinceridade de um grupo na crença em sua narrativa não a torna verdade, porque pode estar completamente em desacordo com a realidade, como bem apresentado pelo exemplo da forma da Terra. No entanto, para o relativismo, aquilo que se crê é verdade, independente do estágio de conhecimento ou da fidelidade de representação para com o real ou os fatos.

Ainda é possível apontar uma terceira diferença: a de que a limitação de uma ótica não torna uma verdade relativa em um contexto, unicamente relativa. Como é o caso mais uma vez descrito por Geisler e Turek:

Até mesmo as verdades que parecem ser relativas são realmente absolutas (e.g., a afirmação “Eu, Frank Turek, senti calor no dia 20 de novembro de 2003” aparentemente é uma verdade relativa, mas é realmente absoluta para todo o mundo, em todos os lugares, que Frank Turek teve a sensação de calor naquele dia). (GEISLER e TUREK, 2006, p.38)

Conforme o exemplo exposto, mesmo tendo-se uma verdade que, dentro dum contexto, é relativa, ao elevar-se ela para um nível superior, pode-se contemplá-la como verdade objetiva. Entretanto, admitir a possibilidade de algo como verdade objetiva não condiz com as ideias relativistas e, portanto, é de fato outra diferença notável.

Resumidamente, pode-se condensar a discrepância maior entre a teoria da correspondência da verdade e a teoria da relatividade da verdade sobre o agente autenticador da verdade. Enquanto no relativismo o agente é o indivíduo ou a comunidade, e, portanto, toda crença é verdade, para a teoria da correspondência podem, sim, haver muitas crenças diferentes, inclusive contrárias umas às outras, mas o que é verdade, ou não, é definida pela realidade e pelos fatos. Ou seja, na teoria da correspondência da verdade, encontra-se a seguinte definição: “Em resumo, é possível haver crenças contrárias, mas verdades contrárias é uma coisa impossível de existir. Podemos acreditar que uma coisa é verdade, mas não podemos fazer tudo ser verdade.”. (GEISLER e TUREK, 2006, p.38).

### **5.3 Aplicações práticas da teoria da correspondência na vida cristã**

De fato, o cristão atualmente se depara com um conceito problemático para a sua fé difundido na sociedade, a teoria da verdade relativa. Essa apresenta uma releitura da realidade que é incompatível com algumas questões da fé cristã ortodoxa, visto que contradiz a objetividade da verdade, princípio essencial das doutrinas presentes na mesma. Portanto, aceitar que toda verdade é relativa e que inexistem verdades absolutas é uma postura de adaptação aos tempos atuais que se revela perigosa e prejudicial à Igreja e sua mensagem.

Nesse caso, porém, através da teoria da correspondência da verdade, a cristandade pode encontrar base para sustentar o absolutismo presente em suas crenças e fé, não sendo necessário negociar princípios fundamentais da sua constituição para responder adequadamente às mudanças sofridas na sociedade pelo tempo vigente.

Além da referida teoria servir à Igreja como alternativa para sustentar suas ideias, a mesma também serve como ferramenta para dialogar solidamente com a sociedade contemporânea, ainda que haja tamanha divergência nas vozes. Uma

demonstração prática do uso dessa ferramenta pode ser vista, por exemplo, em um diálogo a respeito de questões éticas, como o aborto.

O tópico do aborto tem um dos seus pilares de discussão sobre a questão de quando considerar o feto em desenvolvimento uma vida humana. O assunto é crucial porque a partir do estágio em que o feto é um ser humano, abortá-lo significa cometer um assassinato, remover de um ser humano o direito à vida, ainda mais de um ser humano incapaz de defender a si mesmo.

Um cristão que busca defender a vida do feto nesse caso, pode argumentar, por exemplo que:

A partir do momento da concepção, já existe um organismo vivo que é um ser humano geneticamente completo. [...] Dezoito dias após a concepção, o coração começa a se formar, e três dias depois já começa a bater. Nessa fase da gravidez, a maioria das mulheres ainda nem sabe que está grávida. E a grande maioria dos abortos acontece depois desse estágio. Isso significa que virtualmente todo aborto interrompe o batimento de um coração - de um coração *humano!* (CRAIG, 2010, p.126-127)

Por mais sólida que possa ser a argumentação apresentada acima, quando alguém assume uma perspectiva relativista, o ato de afirmar que determinado degrau do desenvolvimento humano é uma vida humana, ou não, é apenas uma questão de perspectiva, pode ser verdade para alguns, mas para outros não. O problema da abordagem de verdade relativa é que ela elimina a própria pauta, o que está em julgamento não pode mais ser se aquela é uma vida humana *objetivamente*, ou não. Mas sim, que a verdade sobre isso é uma narrativa social.

Nesse caso, quando um cristão é questionado sob o pressuposto relativista, precisa embasar sua posição e tem, através da teoria da correspondência, uma ferramenta segura e concreta para sustentar a ideia de que é necessário, sim, recorrer aos fatos na busca por um veredito, porque aquele feto pode tratar-se objetivamente de uma vida humana sendo encerrada.

Por fim, a teoria da correspondência da verdade é uma visão que difere-se em muitos aspectos do pensamento pós-moderno, mas que é filosoficamente consistente e serve como alternativa viável para a sociedade atual, bem como resposta válida do cristão para com os questionamentos da mesma.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria da relatividade da verdade é um dos pilares propostos pela pós-modernidade e tem por fundamento a impossibilidade da existência de verdades absolutas.

É possível observar evidências convincentes de expressões da referida teoria na hodiernidade, como o caso da eclosão da nova tolerância, bem como do politicamente correto. Ao remover de cena a objetividade da verdade, a sociedade se encontra frente a problemas de cunho existencial, como a incapacidade de sustentar a ideia de uma moral universal válida e a desvalorização das virtudes. Além dos desdobramentos na sociedade, o relativismo se apresenta como um desafio extra para o cristão, visto que nega o absolutismo presente primordialmente em sua fé. Como alternativa para a cristandade, a mesma pode sustentar-se sob o entendimento da verdade a partir da teoria da correspondência da verdade, um conceito histórico, filosoficamente fundamentado e que propicia base para sua mensagem e a concepção de uma verdade objetiva.

Os objetivos previstos para o presente artigo eram alertar à cristandade a respeito dessa realidade e de suas implicações, bem como proporcionar uma alternativa a esse pensamento que capacite-a a defender suas doutrinas e também equipe-a com as ferramentas necessárias para dialogar com a sociedade atual. Tais objetivos foram alcançados com êxito.

## 7 REFERÊNCIAS

BÍBLIA, N. T. 1 CORÍNTIOS. *in*: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. Edição Nova Versão Internacional. São Paulo: Geográfica Editora, 2000.

BÍBLIA, N. T. JOÃO. *in*: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. Edição Nova Versão Internacional. São Paulo: Geográfica Editora, 2000.

CRAIG, William L. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo : Vida Nova, 2010.

GEISLER, Norman L. ; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo : Editora Vida, 2006.

GEISLER, Norman L. **Teologia sistemática: Introdução à teologia, A Bíblia, Deus, A Criação**. Rio de Janeiro : Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

GEISLER, Norman L. ; FEINBERG, Paul D. **Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã**. São Paulo : Vida Nova, 1996.

GRENZ, Stanley J. **Pós modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HIGGINS, Kathleen. Post-truth: a guide for the perplexed. **Nature 540**, S.L., 28, novembro, 2016. World View. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/540009a>. Acesso em 19, agosto, 2021.

LEWIS, Clive S. **A abolição do homem**. Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, Clive S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MCGRATH, Alister. **Apologética Pura e Simples: como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé**. São Paulo : Vida Nova, 2013.

MORELAND, James P. **O triângulo do Reino: restabelecendo a mente cristã, renovando a alma, restaurando o poder do Espírito**. São Paulo : Vida Nova, 2011.

MURRAY, Abdu H. **Saving truth: finding meaning and clarity in a post-truth world**. Michigan : Zondervan, 2018, E-BOOK.